



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Sonhos como territórios de aprendizagem: experiências a partir do povo Nasa e do contexto do Cauca

Paola Lopes Zamariola
Elisa de Oliveira Ribeiro

Para citar este artigo:

ZAMARIOLA, Paola Lopes; RIBEIRO, Elisa de Oliveira. Sonhos como territórios de aprendizagem: experiências a partir do povo Nasa e do contexto do Cauca. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.3, n.56, dez. 2025.

 DOI: 10.5965/1414573103562025e0106

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Sonhos como territórios de aprendizagem: experiências a partir do povo Nasa e do contexto do Cauca¹

Paola Lopes Zamariola²
Elisa de Oliveira Ribeiro³

Resumo

O presente artigo debate como os sonhos se apresentam para os povos indígenas *Nasa*, buscando compartilhar como determinadas dinâmicas sociais e econômicas estabelecidas no departamento do Cauca afetam as vidas dessas populações. Nesse contexto, os sonhos são reconhecidos como zonas de resistência que estão vinculados a sistemas de educação próprios e autônomos. A potencialidade do cultivo de sonhos coletivos também serviu de inspiração para a formação do Grupo de Estudos sobre os Sonhos para os Povos Indígenas na América Latina.

Palavras-chave: Aprendizagem. Cauca. *Nasa*. Sonhos. Território.

Dreams as territories of learning: experiences from the Nasa people and the Cauca context

Abstract

This paper discusses how dreams are presented to the *Nasa* indigenous peoples, seeking to share how certain social and economic dynamics established in the department of Cauca have affected the lives of these populations. In this context, dreams are recognized as zones of resistance that are linked to their own autonomous education systems. The potential of cultivating collective dreams also served as inspiration for the formation of the Study Group on Dreams for Indigenous Peoples in Latin America.

Keywords: Learning. Cauca. *Nasa*. Dreams. Territory.

Sueños como territorios de aprendizaje: experiencias del pueblo Nasa y del contexto del Cauca




Resumen

El presente artículo analiza cómo se presentan los sueños para los pueblos indígenas *Nasa*, con el objetivo de compartir cómo determinadas dinámicas sociales y económicas establecidas en el departamento del Cauca han afectado las vidas de estas poblaciones. En este contexto, los sueños se reconocen como zonas de resistencia vinculadas a sistemas educativos propios y autónomos. El potencial del cultivo de sueños colectivos también sirvió de inspiración para la formación del Grupo de Estudios sobre los Sueños para los Pueblos Indígenas en América Latina.

Palabras-clave: Aprendizaje. Cauca. *Nasa*. Sueños. Territorio.

¹ Revisão ortográfica e gramatical realizada por Gabriel Dória Rachwal. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Graduado em Artes Cênicas pela Universidade Estadual do Paraná. (UNESPAR). gdoriarachwal@gmail.com

² Doutorado, mestrado e graduação em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. Especialização em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas, e em Práctica Escénica y Cultura Visual pelo Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía/Universidad de Castilla – La Mancha. Atualmente é professora da Escola de Arte Dramática. Dedicar-se a investigações e criações vinculadas às perspectivas históricas, às experiências metodológicas e aos contextos de criação das cenas latino-americanas.  paola.lopes.zamariola@gmail.com
 <http://lattes.cnpq.br/4533748928651270>  <https://orcid.org/0000-0003-2254-5389>

³ Mestrado Interdisciplinar em Teatro e Artes Vivas pela Universidad Nacional de Colombia. Diplomado em Teoría y Metodologías Creativas para la Construcción de Culturas de Paz pela Otra Escuela. Realiza estágio em Cultural Survival. Possui experiência em projetos de defesa dos direitos humanos e em processos organizacionais de base junto a ativistas locais da América Latina, especialmente no Brasil, na Colômbia e na Guatemala. Atualmente acompanha um grupo de mulheres que busca familiares desaparecidos pelo conflito armado colombiano.  elisailumina@gmail.com
 <http://lattes.cnpq.br/0256360371813478>  <https://orcid.org/0009-0009-8022-8884>



Introdução

Este artigo nasce de caminhos de vida e de pesquisa que encontram nos sonhos e nos territórios do Cauca⁴ seus fios condutores. São os sonhos que guiaram e orientaram a investigadora Elisa Ribeiro (Brasil/Colômbia) em seus estudos relacionados às Artes Vivas na cidade de Bogotá. São os sonhos, também, que a conduziram e a levaram para a região do Cauca, onde morou e desenvolveu trabalhos artísticos, pedagógicos e de direitos humanos junto a povos indígenas como os *Nasa*⁵.

Foi através dos sonhos e das interlocuções que estabeleceu com indígenas como Towê Fulni-ô⁶ (Brasil) e Milton Nache⁷ (Colômbia), que Elisa Ribeiro idealizou o Grupo de Estudos sobre os Sonhos para os Povos Indígenas na América Latina. Os primeiros encontros aconteceram em 2023, ocasião na qual Paola Lopes Zamariola (Brasil) passa a integrar tal projeto, momento no qual a pesquisadora estava na etapa inicial do projeto “Saberes oníricos: sonhos como práticas artísticas e pedagógicas”.

Os sonhos seguiram conduzindo e produzindo mais encontros e, em 2025, o Grupo de Estudos sobre os Sonhos para os Povos Indígenas na América Latina organiza uma série de diálogos junto a artistas convidadas como Marta Coy⁸ e Gloria Amparo⁹, que auxiliaram significativamente na ampliação de referências, na organização de metodologias e na articulação de novas ações.

Como recorte dos estudos até agora desenvolvidos, o presente texto busca situar perspectivas vinculadas aos sonhos nos territórios ancestrais do Cauca para assim melhor compreender de que modo as cosmovisões dos Nasa puderam estabelecer significativas resistências com relação às diversas disputas e lutas de

⁴ A Colômbia é dividida em 32 departamentos e um distrito capital. O Cauca localiza-se na parte sudoeste do país.

⁵ Também conhecidos como *Páez*. Habitam territórios da região andina, no sudoeste da Colômbia.

⁶ Towê Veríssimo é do povo *Fulni-ô*, de Águas Belas, Pernambuco.

⁷ Milton Manuel Correa Nache é do povo *Nasa*, do território de Pitayó, no Cauca, Colômbia.

⁸ Marta Alicia Sacul Coy é do povo *Maya Q'eqchi'*, de Alta Verapaz, Guatemala.

⁹ Gloria Amparo é do povo *Nasa*, do território de Tumbichucue, no Cauca, Colômbia.



suas terras. Na contramão das práticas extrativistas como as das monoculturas, o cultivo coletivo dos sonhos segue sendo uma relevante fonte de vida para as políticas dessas comunidades. Tais resistências se desenvolvem a partir de sistemas próprios de educação que criam espaços autônomos com relação à organização, à administração e às suas proposições pedagógicas. Os sonhos, ao permearem a construção desses componentes, permitem o reconhecimento de experiências que possibilitam o acesso a outros modos de concepção e percepção de mundo.

O artigo busca apresentar algumas das tramas que vinculam a formação histórica e as dinâmicas sociais e econômicas estabelecidas na região do Cauca, para, assim, refletir como estas afetam as vidas das populações indígenas Nasa. Dedicar-se o artigo, também, à reflexão de como os sonhos se apresentam para essas culturas, e como podem ser reconhecidos como zonas de resistência para seus imaginários.

Serão debatidas, ainda, indagações a respeito de como os sonhos apresentam a potencialidade de inspirar e incidir em práticas artísticas e pedagógicas conectadas às Artes Vivas, como é possível reconhecer em experiências desenvolvidas junto ao Grupo de Estudos sobre os Sonhos para os Povos Indígenas na América Latina.

Portanto, ao analisar a importância dos sonhos para a construção de sistemas de autonomia dos povos *Nasa*, que plantam sementes de resistência há mais de 500 anos no departamento do Cauca, este artigo pretende ampliar referências que possam levar em consideração a existência de modos diversos de desenvolvimento de saberes e conhecimentos. Inspirando-se nas perspectivas *Nasa*, vislumbra-se que o sonho, como uma ação concreta e coletiva, possa permear e impulsionar formas de repensar os processos de aprendizagem.

Ksxa'w e l'khwe'sx: os sonhos e as visões Nasa

Ao analisar cosmovisões de povos indígenas da América Latina nas quais os sonhos se apresentam como um dos tecidos estruturantes das tramas que constituem suas sociedades, e onde através dos fios que as compõem é possível



reconhecer formas singulares de articulação e transmissão de conhecimento, ganhou relevo no presente estudo as práticas coletivas elaboradas pelos *Nasa*.

Para esse povo indígena o ato de sonhar é uma das linhas centrais a partir da qual são compostas e sustentadas alianças entre todos os seres que fazem parte dessas comunidades. Os *Nasa*, que habitam principalmente os cursos superiores dos rios Cauca e Magdalena na região andina da Colômbia, através de uma economia majoritariamente agrícola e por meio de plantios avessos aos da monocultura – como os do algodão, da cana-de-açúcar, da coca, da mandioca, do milho, entre outros – possuem uma forte vinculação com as águas em sua cosmogonia.

*Nasakiwe*¹⁰ se forma somente a partir das instruções dadas por *Ksxa'w*¹¹ para um *Eekthë'wala*¹² que morava sozinho em uma grande casa. Com auxílio dos filhos que recebeu dos sonhos – *Uma*¹³, *Tay*¹⁴ e de *A'te*¹⁵ – que posteriormente também são convertidos em trovões, são gerados os *Nasawe'sx*¹⁶.

Os *Nasanas*¹⁷ passam a existir somente depois que as estrelas conseguem fecundar as águas, para assim então nascer os *Yu'luucx*¹⁸, o povo *Nasa*. É a partir desta perspectiva particular que os *Nasa* se reconhecem como netas e netos do trovão, e filhas e filhos das águas. E é através dessa mirada singular para os eventos que constituem as existências de seus territórios, que identificam a chegada de um novo ser quando se forma uma tempestade acompanhada por ventos e trovões, seguida por um deslizamento de terra em uma nascente.

¹⁰ Termo *Nasa Yuwe*, a língua *Nasa*, para nomear a Terra.

¹¹ Designa tanto água ou espírito que caminha com o sonho, que ocorre enquanto se dorme.

¹² Sábio do Espaço, o Trovão.

¹³ Sol mulher.

¹⁴ Sol homem.

¹⁵ Lua.

¹⁶ Seres coletivos por excelência, compostos pelas plantas, pelos animais e pelos minerais.

¹⁷ Humanos.

¹⁸ Filhas e filhos das águas.



As terras ancestrais dos *Nasa*, que hoje estão distribuídas em municípios como Caldono, Corinto, Inzá, Jambaló, Páez, Santander de Quilichao e Toribio, são por eles compreendidas como *Yat*¹⁹. A terra, *Yat Wala*²⁰, compreendida como grande casa para os *Nasa*, é um espaço de vida, um lugar para se gerar vida. Para a vida poder existir nessa casa, seus habitantes precisam cultivar sementes de vida em seus territórios. Nessa casa, tal como o sábio que gerou o mundo *Nasa*, as avós e as avôs são os que possuem os conhecimentos que orientam este espaço, sendo elas e eles as e os cultivadores da vida por excelência.

A terra é a responsável por criar e parir suas filhas e filhos. Mas onde e como nascerão são informações que cabem aos sonhos comunicar a essa sociedade. São os sonhos que detalham em qual parte do território, em qual nascente de água, vai acontecer o parto, além de informarem o que precisa ser purificado e harmonizado pela comunidade no local no qual acontecerá o nascimento.

Vale aqui destacar que a metamorfose é um dos princípios seminais para o povo *Nasa*. Os ciclos da vida e suas transformações, que se apresentam em contínuas espirais nos sonhos, orientam organizações desta sociedade e auxiliam no cuidado da casa que a abriga (Yule Yatacue; Vitonas Pavi, 2010).

Os saberes advindos dos sonhos são reconhecidos pelos *Nasa* por trazerem conhecimentos de trovão, uma vez que o sonho tem a força e a função de um raio que arrebatava e ilumina um processo de aprendizagem, seguindo a linhagem dos conhecimentos de *Eekthë'wala*, *Uma*, *Tay* e *A'te*.

Como manifestações que despertam os sentidos, exercitam sensibilidades e acessam habilidades, os saberes de trovão também são compreendidos como uma prática. Por isso, são encarados como um exercício contínuo e vital para o qual é de fundamental importância cultivar cotidianamente gestos de cuidado, pedidos de proteção e ações de agradecimento.

São os *Thë'wala*²¹ que têm sonhos e visões que revelam chegadas e partidas que contribuem no encaminhamento de conflitos internos e externos, bem como

¹⁹ Casa.

²⁰ Casa grande.

²¹ Médicas e médicos tradicionais que são autoridades espirituais.



nas decisões políticas de suas comunidades. Além disso, pela perspectiva da cosmovisão *Nasa*, desde que nasce, toda pessoa recebe uma companhia espiritual que orienta sua jornada de vida em forma de sonhos e de visões. É por intermédio desses processos que são herdados e transmitidos saberes e conhecimentos. Os sonhos e as visões são guias que auxiliam na previsão de acontecimentos e na mediação entre os espíritos e os outros seres.

Tais recursos, advindos dos sonhos, apresentam registros da realidade que se assentam sobre bases epistemológicas próprias, fazendo com que, muitas vezes, a explicação formal e concreta não dê conta de explorar todos os seus significados, uma vez que a diversidade com que esses termos são conhecidos e vividos nos territórios tem a ver com experiências reais e corporais dos que experienciam essas práticas. No entanto, detalhamos aqui duas formas através das quais os *Nasa* reconhecem essas companhias espirituais.

Uma delas é através do *Ksxə'w*, palavra composta e sobreposta por inúmeros sentidos. Quando se pergunta às sábias e aos sábios a respeito do *Ksxə'w*, elas e eles respondem que significa o rio que caminha o território, o espírito que anda, o sonho criador ou o sonho enquanto se dorme. De maneira complexa, eles evidenciam que os sonhos estão conectados com o território, com seu ecossistema e com tudo que habita nele. Além disso, enfatizam aspectos de profundidade e responsabilidade relacionados ao *Ksxə'w*, uma vez que está relacionado aos seres ancestrais.

A outra é o *l'khwe'sx*²², que se manifestam quando se visualiza algo quando se está acordado. Para as sábias e os sábios, os *l'khwe'sx* orientam “las autoridades acompañadas de sus espíritus guardianes del día y de la noche” (CICT, 2017, p. 21). Nessa modalidade, as visões são compreendidas como avisos ou modos de comunicação com outros seres. Às vezes se apresenta como um sinal de boas vindas, em outras como um alerta de que estão chegando pessoas estranhas no território. Acrescente-se ainda que pode se dar na forma de direcionamento para o futuro e até mesmo no reconhecimento da energia de ancestrais, animais ou

²² Visões nas quais se está desperto.



elementos da natureza que acompanham determinadas pessoas. Na cosmovisão *Nasa*, portanto,

el sueño y la visión se constituyen en una constante práctica de heredar saberes y conocimientos. El acto de soñar despierto y dormido son momentos de contacto, son los momentos de contacto y de diálogo y de relación con los espíritus protectores, guardianes, en ese momento se vuelven guía (Yule Yatacue; Vitonas Pavi, 2010, p. 166).

Cauca: contexto histórico

O departamento do Cauca é o território ancestral de onze povos indígenas²³, sendo que os mais numerosos são os *Nasa*, que desde a invasão de seus territórios pelos espanhóis têm sua história marcada pela disputa de terras. Em períodos anteriores ao colonial, suas comunidades possuíam grande autonomia material através do cultivo da mandioca, do milho e do algodão. Porém, a busca desenfreada por ouro pelos colonizadores alterou drasticamente tal realidade, já que, através da prática da escravização reduziu essas populações indígenas, gerando migrações, significativas mudanças culturais relacionadas ao território e à terra, e perda das línguas originais.

Para buscar resistir a tais processos, comunidades se deslocaram das zonas mais baixas do Cauca para se estabelecerem em localidades mais altas. Um importante lugar de resistência foi *Tierradentro*, localizado entre os municípios de Páez e Inzá. *Tierradentro* foi o epicentro de um histórico levante indígena que se iniciou em 1914, liderado por Manuel Quintín Lame²⁴, que buscou recuperar a autonomia da região e, apesar de enfrentar muitos percalços – como problemas com os proprietários de terras e as autoridades civis e militares –, alcançou conquistas para os povos indígenas que ressoam até os dias atuais (Lame, 2020).

No final da década de 1960, a região do Cauca, incluindo *Tierradentro*, é marcada pelo acirramento na disputa de suas terras, momento no qual as comunidades rurais e indígenas perderam grande parte de seu território. Somente

²³ Segundo o *Consejo Regional Indígena del Cauca* (CRIC), são: *Nasa, Misak, Yanacona, Inga, Embera, Totoroez, Eperaara Siapidaara, Kishu, Ampile, Kokonuko, Polindara*.

²⁴ Manuel Quintín Lame Chantre (1880–1967) atuou na defesa dos povos indígenas e lutou pela formação de uma república indígena independente.



em 1971 foi possível criar o *Consejo Regional Indígena del Cauca* (CRIC)²⁵ para assim lutarem e alcançarem a soberania de algumas de suas terras. Embora a recuperação tenha acontecido em sua quase totalidade, tal processo não foi pacífico, sendo marcado pela estigmatização, perseguição e massacre de diversas lideranças indígenas (CRIC, 2022a).

Emaranhado em uma teia cheia de complexidades e contradições, ao longo das últimas décadas somam-se a esses territórios, movimentos de guerrilha que apresentaram projetos de caráter prioritariamente nacional, como os das *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colômbia - Ejército do Povo* (FARC-EP), os do *Ejército de Liberación Nacional* (ELN), e do *Movimiento 19 de Abril* (M-19). E outros, como os do *Movimiento Armado Manuel Quintín Lame* (MAQL), que apresentou uma agenda específica de promessa de autoproteção para as comunidades indígenas do Cauca (Peñaranda, 2015), afetando de maneira significativa as dinâmicas de *Tierradentro*.

Um aspecto importante a ser destacado, que faz parte da história econômica, política e social do Cauca como um todo, é a questão que envolve o plantio de coca. Uma planta com alto teor nutritivo e muito importante para as culturas andinas, nas quais “el uso de la coca es *runakuna*²⁶, del pueblo, y masticar las hojas sagradas es la expresión más pura de la vida indígena. Si se elimina el acceso a la coca, su espíritu quedará destruido” (Henman, 2019, p. 21).

Devido à sua disposição territorial e aos usos culturais e medicinais para os *Nasa* e outros povos indígenas, tal região desenvolveu muito conhecimento acerca dos cultivos da planta, o que facilitou a entrada de plantios ilícitos e de narcotraficantes. Nesse sentido, é o crescimento econômico proveniente das plantações de coca que auxiliaram no fortalecimento e na expansão das guerrilhas.

Apesar de buscarem manter práticas de cordialidade com a sociedade civil, não são escassos episódios nos quais narcotraficantes, paramilitares e o próprio estado cometem abusos a partir dos poderes adquiridos, como em episódios

²⁵ Fundado em 1971 no município de Toribio, é uma das estruturas de base para a resistência e a defesa dos territórios indígenas do Cauca. Possui projetos de luta por soberania, especialmente nos setores político, econômico e cultural. Atua a partir de quatro princípios: a unidade, a terra, a cultura e a autonomia.

²⁶ Termo quíchua utilizado como maneira de se autodenominar e também de referenciar o povo a qual se pertence.



contra os povos indígenas como o massacre *El Nilo*. Em 1991, logo após assinarem a nova Constituição Política da Colômbia, que reconhecia os povos indígenas como sujeitos de direitos deste país, acompanhados de policiais, paramilitares invadem a fazenda *El Nilo* ocupada por indígenas *Nasa* e matam 21 pessoas.

Nessas lutas por terras, as monoculturas como os de coca, além dos de maconha, seguem alimentando o narcotráfico. Além disso, o plantio extensivo de cana-de-açúcar e as construções de hidrelétricas, empreendimentos realizados sobretudo por iniciativas internacionais que não beneficiam em nada as populações locais, geram subempregos em situações análogas à escravidão, massacres e perpetuam o desaparecimento de pessoas para que as indústrias possam se apoderar desses espaços.

Somado à presença de grupos armados, que recrutam menores de idade, reproduzem violências de gênero, esgotam recursos, e que deixam marcas irrestituíveis nesse território,

a partir del 2000 se da una diversificación en las formas de violencia que incluyen a gran parte de la población civil: atentados, reclutamiento, minas antipersonales, desplazamientos, incremento de combates y hostigamientos, violencia sexual, desaparición forzada y secuestros, ampliaron el abanico de acciones que afectaron a nuestros pueblos (CRIC, 2022a).

Através dos processos e do acordo final de paz estabelecido entre o governo da Colômbia e as FARC-EP, em 2016 houve a criação de comissões como a *Comisión de la Verdad* (CEV), comprometida em buscar detalhar, dimensionar e reparar as violações ocorridas durante o conflito armado interno. A *Jurisdicción Especial para la Paz* (JEP), dedicada a investigar, julgar e sancionar os crimes cometidos durante o conflito armado colombiano, antes de 1º de dezembro de 2016. E a *Unidad de Búsqueda de Personas Desaparecidas* (UBPD), de caráter humanitário e extrajudicial, encarregada em coordenar e contribuir para a busca de pessoas desaparecidas antes do ano de 2016. Apesar de tais iniciativas, é inegável reconhecer que

en los últimos años la guerra ha vuelto a extenderse por Colombia. El Cauca sigue siendo epicentro de violencias que impactan especialmente a sus poblaciones rurales, concentrando las cifras más altas de líderes



sociales y excombatientes asesinados, así como un aumento en el reclutamiento de menores, principalmente en comunidades indígenas (Mostacilla, 2025, p. 9).

Além disso, os territórios do Cauca seguem enfrentando episódios de repressão do exército colombiano através da presença de lideranças de outras regiões que visam a integração de suas populações indígenas a movimentos armados fomentados por uma série de guerrilhas que continuam a emergir em diferentes contextos da Colômbia. De fato, os momentos de paz duraram pouco nos territórios indígenas, seguidos de grandes ondas de violência geradas pelas dissidências dos grupos armados que voltaram a competir, de forma mais fragmentada e violenta, uma vez que:

hay una división de los dos ciclos de violencia en Colombia, que se interconectan en el incumplimiento de los acuerdos de paz actuales, en otras palabras, el reformismo frustrado del primer periodo del Frente Nacional fue la condición que activó el nuevo ciclo de guerra, lo cual le da pie [...] para decir que el incumplimiento al proceso de paz actual, activará otro ciclo de violencia en Colombia (Baquero-Monroy, 2021, p. 135).

Deste modo, é possível diagnosticar diferentes modos de aniquilamento sistemático das culturas indígenas do Cauca que viabilizam o apagamento de idiomas que existiam há séculos, o esgotamento de formas de plantio e a destituição de práticas coletivas como sonhar. É nesse sentido que, para além de refletir sobre os efeitos da guerra no Cauca, o presente estudo identifica a necessidade de melhor compreender os espaços de resistência e autonomia sustentados através dos sonhos para os *Nasa*,

Resistências e práticas coletivas de organização: sonhos políticos e estruturas pedagógicas dos povos do Cauca

Na atualidade, os diferentes povos do Cauca se organizam a partir de leis inicialmente articuladas e divulgadas pelos pensamentos de Manuel Quintín Lame. Com a criação e o fortalecimento do *Consejo Nacional Reginal del Cauca* (CRIC), as comunidades dos territórios Nasa tiveram a possibilidade de refletir a respeito de estruturas próprias.



Existem três estruturas que auxiliam na configuração de um sistema de educação autônomo, apoiado e desenvolvido conjuntamente ao CRIC. Uma delas é o *Programa de Educación Bilingue Intercultural* (PEBI), criado em 1978 como parte da defesa da história, da língua e da cosmovisão dos povos ancestrais do Cauca, que tem como princípios: a educação bilíngue, sendo o espanhol a segunda língua; o ensino comunitário e intercultural; e processos de aprendizagem que privilegiem saberes próprios e locais.

Essa iniciativa possibilitou que os percursos educacionais fossem oficialmente realizados nas línguas dos povos indígenas, onde a formação bilíngue se apresentou como um fator decisivo para a organização comunitária e para o fortalecimento político de seus diferentes territórios.

Outra estrutura é a *Crianza y Siembra de Sabidurías y Conocimientos* (CRISSAC), criada em 2021, a partir das vivências dos povos indígenas, organizada como metodologia de investigação e educação, que tem como fundamento ações comunitárias que visam criar e semear, de modo a valorizar a transmissão entre gerações e a integração de todos os sentidos nos processos de ensino.

Dessa maneira, os aprendizados não são idealizados somente a partir de elementos teóricos, mas, principalmente, desenvolvidos a partir de demandas práticas. Assim como reflete o antropólogo colombiano Sebastián Levalle, para os *Nasa* “la teoría tenía validez si permitía transformar la realidad local, el conocimiento surgía de la práctica y se debía a ella” (Levalle, 2024, p.73). O CRISSAC, portanto, é uma ferramenta pedagógica através da qual os estudos são baseados em vivências territoriais, espirituais e comunitárias, uma vez que “criar sembrar para nosotros es: senti-pensar, conversar, preguntar, preparar y visibilizar. Se trata de llegar al conocimiento y sabiduría desde la cultura” (CRIC, 2021, p. 10).

Além da estrutura que articula um *Sistema Educativo Indígena Propio* (SEIP), que se torna oficial no ano de 2022, construído a partir da revisão de processos formativos já existentes, e que teve como foco a articulação da educação Nasa por intermédio de experiências que permeiam seus cotidianos. O SEIP consegue se consolidar ao se tornar uma política pública que é reconhecida nacionalmente, o que garantiu que os povos indígenas colombianos tivessem direito a uma



educação autônoma por intermédio de componentes políticos, administrativos e pedagógicos, que fomentam o

proceso integral de rescate, recreación y/o fortalecimiento vivencial de la lengua materna, valores culturales, tradiciones, mitos, danzas, formas de producción, sabiduría, conocimiento propio, fortalecimiento de la autoridad, autonomía, territorio, autoestima, crecimiento y desarrollo, que crea, recrea, transmite y reafirma la identidad cultural y formas propias de organización jurídica y sociopolítica de los pueblos indígenas y potencia las condiciones para lograr un buen vivir comunitario centrado en la unidad, diálogo, reciprocidad, capacidad para proyectarse y articularse a otras sociedades respetando los derechos de todos, hacia la construcción de sociedades plurales y equitativas (CONTCEPI, 2013, p. 36).

PEBI, CRISSAC e SEIP são estruturas sistematizadas de grande relevância para os Nasa. Enquanto a visão clássica e dominante da educação se pauta a partir de leis universais como a objetividade, impondo que a realidade é apenas uma e que somente é possível reconhecê-la a partir do que se pode observar e verificar por meio de aspectos quantitativos, os princípios concebidos pelos *Nasa* propõem o convívio em harmonia e equilíbrio com diferentes dimensões da existência coletiva.

Por intermédio de cada uma dessas estruturas é possível evidenciar o entrelaçamento da relação entre a história do Cauca e dos sonhos, que conectam e proporcionam formas de repensar e articular outras estruturas pedagógicas, uma vez que apresentam um lugar chave nas articulações comunitárias.

São os sonhos que tornam possível o reconhecimento dos diversos seres que constroem o tecido de vida, para os quais a existência se dá em espirais, e onde os caminhos que orientam as ancestralidades se apoiam, principalmente, em demandas comuns.

Em uma educação com forte base na participação coletiva, estruturada a partir das práticas da oralidade, do idioma, da memória, e da espiritualidade, os saberes passados de geração em geração a partir do exercício narrativo são também difundidos na prática comunitária de relatar os sonhos.

Através dessa ferramenta pedagógica, os povos do Cauca garantem que o ato de sonhar seja um elemento relevante e presente nas práticas de decisões



territoriais, sendo levados em consideração e fazendo parte de “un proceso sentvivencial de la naturaleza, familia y comunidad, para recrear, profundizar, visibilizar, construir, reproducir y compartir las sabidurías y conocimientos” (CRIC, 2021, p. 9).

Ao narrar seus sonhos, os *Nasa* encontram uma maneira de priorizar os atos de

cuidar, despertar y potencializar las semillas para que despierten sus dones desde la orientación de los *The'sawe'sx* (maiores), en función del *Wëtwët fxi'zenxi* (buen vivir) comunitario, del camino del territorio, del camino colectivo, que todos nos cuidemos y vivamos bien y alegremente para fortalecer el sueño de nuestras comunidades (CRIC/PEBI, 2022, p. 15).

Esses sistemas de educação própria tem formado muitas gerações na oralidade, na arte, na sabedoria, na espiritualidade e no bem viver com outros povos. Tais iniciativas surgem e sobrevivem como forma de resistência e de sustentação das culturas locais. Como acontece com a grande maioria dos povos indígenas da América Latina, que se estruturam a partir de uma forma singular de construção de pensamentos e transmissão de saberes, o aspecto que gostaríamos de apontar é a diferença, por um lado, entre sistemas que privilegiam a escrita e, por outro, uma estrutura de educação baseada especialmente a partir da oralidade.

Dentro dos sistemas de educação do povo *Nasa*, as crianças praticam, compartilham e interpretam seus sonhos para assim poder desenvolver, a partir da fala, seus processos formativos. De acordo com atividades pedagógicas que contemplam o ato coletivo de narrar os sonhos, uma criança pode compreender que possui o dom de tecer, a habilidade de poder ensinar a própria língua, ou reconhecer que tem o potencial de se tornar médica ou médico tradicional.

As comunidades envolvidas no desenvolvimento desses sistemas conversam com as e os *mayores*, sentam para mascar coca, observam os rios e as montanhas, sonham, interpretam os sonhos, se reúnem para fazer *mingas de palabras*²⁷. Assim como os mutirões, as *mingas* são modos de organização comunitária compostos

²⁷ Práticas coletivas de apoio mútuo.

pelos atos de sentar e escutar as e os *mayores* para que estes guiem os caminhos de acordo com as perspectivas ancestrais de sua cultura.

Esses encontros acontecem ao redor da *tulpa*²⁸ que “es un espacio, donde se sienta a conversar a orientar alrededor del fuego, mambeando la coca, brindando bebidas propias, el chirrincho, la chicha de caña y de maíz, estar conectado con los espíritus, a chicha de cana e de milho, conectando-se com os espíritos” (CRIC/PEBI, 2022, p.15).

Desde que se mudou para *Tierradentro*, Elisa Ribeiro passou a trabalhar como professora de artes em uma escola rural indígena e as perguntas acerca dos sonhos foram ganhando cada vez mais importância. Morou em um território formado por montanhas e rios, junto a *mayores*, plantas sagradas e *semillas*. Mas também permeado pela guerra, pelas monoculturas de coca e maconha, vendo diariamente, e de perto, crianças e adolescentes serem recrutadas para o conflito armado.

Em meio a esses processos, Elisa perguntava o que sonhavam quando dormiam e a maioria, que eram quase quinhentas alunas e alunos, contava que sonhava com três pessoas, ou três animais, ou três seres que a perseguiam. Esses sonhos possuem conexão com os três mundos que compõem a cosmovisão *Nasa*. *Uuthasx Kiwe Ksawesx*²⁹, o mundo intermediário, habitado pelos homens, pelos animais e pelas plantas; *Kiwe Txiite*³⁰, o mundo inferior, habitado, também, pelos mortos; e *Ėete kiwe*³¹, o mundo superior, o entorno da Terra, habitado pelos espíritos.

Quando as e os estudantes respondiam sobre os sonhos relacionados ao futuro, não tinham perspectivas maiores do que colher maconha ou ir para a guerrilha, porque infelizmente são as possibilidades que se apresentam nesses contextos de maneiras muito complexas, o que requer um aprofundamento em

²⁸ Lugar de reunião e transmissão oral da cultura dentro do lar Nasa, dirigido pela pessoa mais velha de cada família.

²⁹ Composto pelo que está acima do solo.

³⁰ Composto pelo que está abaixo do solo.

³¹ Composto pelo Espaço, e pelo que está além da Terra.



suas questões para poder entender as diferentes arestas que essa trama de fatores carrega.

Questões como, “quem tem o direito a sonhar? Como sonhar em meio a uma guerra?”, foram algumas das perguntas que acompanharam Elisa Ribeiro nesse processo. Apesar de todas as contradições, as e os *mayores*, assim como as médicas e os médicos tradicionais não deixavam de fazer rituais, escutar seus ancestrais e compartilhar sonhos que guiavam decisões individuais e coletivas. Como, por exemplo, quando Elisa participa da elaboração de um dos documentos do SEIP, em um momento no qual a escola em que trabalhava passou por um processo de crescimento e a comunidade precisou decidir a respeito da construção de um novo espaço para receber alunas e alunos que chegavam de outros territórios em decorrência do conflito armado interno.

Para tanto, as e os professores reuniram as e os *Thë’wala* junto às pessoas da comunidade para se sentarem embaixo das estrelas, mascarem coca e realizarem rituais para poderem sonhar juntos, e, assim, tomarem decisões concretas a respeito da construção do novo edifício. A consulta de como, onde seria construído, de qual forma, quantas salas teriam, quais seriam os materiais, quem seriam as pessoas que trabalhariam na condução da construção e em qual época do ano, durou dias.

A cada dia que as e os *Thë’wala* perguntavam o que cada pessoa havia sonhado, cada sonho era interpretado em diálogo com todos que estavam presentes. Esses sonhos eram importantes para saber como ia ser o ritual, e quais seriam os próximos passos.

Diferente de sonhos individuais, em que geralmente o sonhar está relacionado com um desejo limitado e material, em estruturas como as CRISSAC, SEIP e PEBI, nas quais a educação é sonhada como coletividade, os sonhos são parte estruturante de suas experiências políticas e pedagógicas. Sendo a sensibilidade uma das bases para a formação e resistência dos povos indígenas do Cauca, os sonhos se tornam elementos primordiais para a orientação de caminhos de aprendizagem que estejam em consonância com a busca e a garantia de autonomia para suas existências.



Grupo de estudos sobre os sonhos

Por muitos motivos, sendo um deles a violência iminente, e por questões de segurança, Elisa Ribeiro decide voltar para o Brasil por um período, com uma ideia que já a acompanhava, que era organizar um grupo de estudos no qual essas histórias de resistências a partir dos sonhos pudessem ser contadas e amplificadas a outros espaços. Bastante inspirada pelas reflexões acerca dos sonhos realizadas por Ailton Krenak, quando reconhece o sonho

não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia. Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades (Krenak, 2020, p. 52-53).

O Grupo de Estudos sobre os Sonhos para os Povos Indígenas na América Latina se tornou, então, um espaço para compartilhar sonhos que temos enquanto dormimos, mas que também foi demonstrando a capacidade de ir muito além disso. Revelando, aos poucos, a necessidade de abrir espaços para indagar a respeito das diversas formas que artistas de diferentes territórios utilizam o sonhar para criar, se inspirar, tomar decisões da vida cotidiana, se comunicar, e articular diferentes modos de estar no mundo.

Os encontros, que acontecem uma vez ao mês, são idealizados a partir de uma aposta na criação de metodologias que possam organizar espaços para diálogos sobre os sonhos e suas diferentes perspectivas. Buscando sair de uma visão somente ocidentalizada e psicologizada, e abrindo perspectivas, como propõe o intelectual indígena *Misak* Abelino Dagua Hurtado, que possam “desvivir lo vivido del mundo colonial para otro aprender a aprender” (Obando Villota, 2016, p. 107).

Em 2023 o objetivo do grupo foi compreender e conversar de maneira virtual sobre as diferentes perspectivas dos sonhos para alguns povos indígenas da Colômbia e do Brasil. As leituras que apoiaram os primeiros estudos coletivos



desse processo foram: “A queda do céu”, de Davi Kopenawa e Bruce Albert; “A vida não é útil”, de Ailton Krenak, “*Guambianos hijos del aroiris y del agua*”, de Abelino Dagua; e “*Pees Kupx Fxi’Zenxi, la metamorfosis de la vida*”, de Marcos Yule e Carmen Vitonas.

Ao total, foram realizados quatro encontros de duas horas divididos em duas partes, a primeira com o foco no debate a respeito das leituras e dos materiais de apoio, que também incluíam referências audiovisuais. E a segunda com a participação de convidadas e convidados indígenas que falavam sobre experiências pessoais e comunitárias, principalmente sobre as relações que estabelecem entre suas proposições artísticas e os sonhos. Nessa ocasião os convidados foram Milton Nache e Towê Fulni-ô.

Em 2025, também de modo virtual, os encontros foram ampliados para oito sessões que tem acontecido uma vez ao mês, de abril a dezembro, com o objetivo de compartilhar e discutir com maior tempo e profundidade acerca dos sonhos para outras perspectivas indígenas da América Latina, por intermédio da interlocução com convidadas e convidados do Brasil, da Colômbia e da Guatemala.

O grupo de estudos também tem se orientado pelo questionamento acerca de qual é o lugar dos sonhos nos processos de criação artística dos povos indígenas da América Latina, buscando que cada artista indígena convidado construa e partilhe materiais práticos e teóricos através dos quais suas vozes possam ser validadas e divulgadas em espaços artísticos e acadêmicos.

Ainda em curso, os encontros têm proporcionado trocas muito profundas com relação à diversidade de culturas e saberes que as e os artistas indígenas têm trazido aos encontros, em que os sonhos são ferramentas de conexão entre esses diferentes contextos.

Atualmente o grupo é composto por pessoas com perfis, idades e lugares diversos: brasileiras e brasileiros, colombianas e colombianos, chilenos e peruanos que, em sua maioria, vivem em zonas urbanas, até jovens do povo *Nasa* e *Q’eqchi’*, habitantes de territórios indígenas que, ao compartilharem suas, experiências recordam que

o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de



como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível (Krenak, 2020, p. 21).

Nesses encontros, com duração aproximada de três horas, logo no início as e os participantes se apresentam através de sonhos que desejam partilhar. Na sequência, por uma hora, a pessoa convidada apresenta suas proposições e ao final abre um espaço para perguntas e trocas. Os diálogos suscitados têm acontecido de forma bastante participativa e mobilizadora. E depois de uma pequena pausa, uma atividade de criação é proposta a partir das provocações que a convida do dia trouxe.

Em geral, são práticas artísticas que buscam transformar a escuta em ações performativas vivenciadas através de escritas em fluxo, desenhos de ilustrações, realização de esculturas, elaborações de vídeos curtos, construções poéticas e registros imagéticos. Após a partilha desses materiais entre todos presentes, o encontro é encerrado com uma breve conversa sobre as imagens dos sonhos partilhadas no início do dia, nesse momento, afetadas pelos deslocamentos produzidos pelas proposições da pessoa convidada e das criações realizadas.

Milton Nache, multi-artista cujos sonhos são disparadores de suas criações artísticas, foi um dos primeiros convidados do Grupo de Estudos sobre os Sonhos para os Povos Indígenas na América Latina em 2025. Por intermédio dos sonhos realiza pinturas em diferentes técnicas que vão desde aquarela até murais comunitários, escrita de roteiros de curta e longa-metragem para cinema, e dramaturgias para teatro.

Além de ser produtor do *Piyaj yu Festival* que, desde 2013, ocorre uma vez ao ano no território de Pitayó. Milton também integra e acompanha processos de formação em pedagogias próprias em todo o Cauca. Durante sua fala, Milton partilhou instigantes reflexões a respeito do povo *Nasa*, afirmando que

nuestra cultura es una cultura muy rica en tradición oral, en historia y sobre todo hay una práctica muy importante para la cultura Nasa que es la medicina tradicional. Los *Thë'wala* (médicos tradicionales) sustentan mucho las señales³² del cuerpo para poder encontrar soluciones a

³² Sinais, reconhecidos a partir de pequenos tremores que ocorrem em alguma parte do corpo. São interpretados pelas médicas e médicos tradicionais de acordo com o movimento e sua localização.

muchas enfermedades, y por medio de los sueños ellos encuentran soluciones. La sabiduría va pasando de los abuelos a los padres y de los padres a los hijos y hay algún momento específico en que la persona es elegida para ser *Thë'wala*. Una persona que puede curar, que puede sanar, que puede dar salud, y eso viene por medio de señales en el cuerpo o por medio de los sueños. Sueños que la persona tiene y tiene que interpretar, imaginar, profundizar. Es como un mandato que la persona tiene desde el cosmos. Hablando con un *Thë'wala*, don Michelangelo, él me decía que gran parte de lo que él sabía lo había adquirido así, porque soñaba con su abuelo y su abuela y ellos le daban a conocer ciertos nombres de ciertas plantas para que él hiciera la medicina, o ciertos procedimientos para que encontrara la cura de enfermedades de personas que iban hacia a él a preguntar. Entonces él tomaba nota de todo lo que soñaba e iba a la naturaleza y miraba y oía la planta y comenzaba a experimentarla, a hacer ensayos con la planta y algunas veces le funcionaba, otras no tanto pero iba completando su conocimiento. Hablando con él también me daba las claves para interpretar algunos sueños (Nache, 2025, n.p.).

Outro convidado foi Towê Veríssimo, músico do povo Fulni-ô. Towê, em latê, a língua Fulni-ô, significa “fogo”. A partir dos sonhos, busca se conectar com suas ancestralidades para assim criar cantos e sonoridades. Pertencentes ao território de Águas Belas, região semiárida no sertão pernambucano, os Fulni-ô são um dos poucos povos indígenas que conseguiram manter sua língua, sendo o Ouricuri³³ um dos rituais mais importantes para a manutenção da sua cultura.

No dia do encontro com Towê, o músico apareceu sentado na cama de uma casa com uma parede azul, com um cocar de penas brancas, verdes e cinza na cabeça, e seu violão. Cantou canções que escreveu a partir de vivências complexas e cheias de mistérios como os sonhos e as visões. Compartilhou que, nessas experiências, as coisas não precisam ser isso ou aquilo, que elas tem o potencial de justapor sentidos, e ser isso e também aquilo. É através da multiplicidade de tempos e espaços que a música se apresenta como veículo de trânsito de realidades, como meio de cura, como forma de medicina.

Para os Fulni-ô o canto é sagrado e, através dele, é possível conversar com outros seres. Towê enfatizou que para isso se dar de maneira fluida, é preciso estar em conexão e em diálogo com todos os seres, escutando a chuva que canta,

³³ Realizado durante três meses, nos quais o povo Fulni-ô se isola, falando sua língua e vivendo como seus antepassados. Não existem mais detalhes sobre esse ritual já que o silêncio e o não-compartilhamento foi a forma que encontraram para manter suas culturas em resistência.



observando o rio que flui, conversando com a terra em seus processos de transformação, acolhendo as presenças de diferentes sonhos e visões. O convidado pontuou que

o sonho é aquele que quando você tá no sono bem pesado mesmo é o que você viu durante o dia e fica na mente da gente, daí quando você vai dormir sonha. E tem a visão, ela é quando você tira aquele soninho leve que não tá dormindo mas... aí sim, você tá vendo mesmo o que é que tá acontecendo, essa é a visão (Veríssimo, 2025, n.p.).

Para os Fulni-ô sonhos são realidade. Para se sonhar e viver mais bonito, Towê recordou a importância de se conectar com a Mãe Terra e com pensamentos bons, relaxar e rezar pela comunidade, além de pitar *chanduca*³⁴, beber jurema³⁵ e trabalhar com ervas como o alecrim. Para rituais junto ao Grande Espírito, referiu a importância de não beber e não fazer sexo. Towê compartilhou com riqueza de detalhes, no formato de uma canção, uma das visões que já teve,

uma visão que não foi muito boa pro nosso mundo, eu vi o mundo escurecer todo e eu via o meu povo morrendo, e o Grande Espírito mostrou pra nós aonde tínhamos que curar e onde tínhamos que levar o povo dele pra dar remédio e pra gente se curar. Então eu inverti a música e pedi coisas boas pro nosso mundo pra não falar a palavra que não era boa (Veríssimo, 2025, n.p.).

Visões semelhantes também se fizeram presente no encontro com Marta Coy, que durante sua fala realizou um ritual com um altar que tinha diante de si, com algumas velas na cor vermelha, preta, branca, amarelo, azul e verde, acendendo uma a uma, invocando as energias do dia e dizendo o propósito de cada cor.

Convidou os presentes a parar e respirar, para assim falar sobre a cultura Maya e as tecnologias desenvolvidas pelos seus ancestrais, como a escritura, as arquiteturas monumentais, os calendários precisos, os sistemas de numeração e conhecimentos astronômicos, compartilhando as qualidades específicas do dia do encontro segundo o calendário maia, o dia 1 *Keme*³⁶, uma vez que

³⁴ Cachimbo.

³⁵ Bebida sagrada preparada com árvores do gênero Mimosa.

³⁶ Associado aos ciclos de vida e morte.

en nuestra cosmovisión maya es una energía positiva muy conocida como la muerte, en ello tenemos nuestra comunicación con nuestras ancestras y ancestros. La muerte no es mala, es el complemento de la vida. El descanso de cada uno de nosotros cuando llega su momento. Es el día para retirar las energías negativas en cada una de las personas (Coy, 2025, n.p.).

Coy destacou também elementos da arte, da agricultura e da organização social, falando sobre o manjerição, que é uma planta que a acompanha. Lembre-se aqui que a cultura *Maya* existente na região da Mesoamérica, está presente hoje nos territórios da Guatemala, um país da América Central que possui uma das maiores populações indígenas do mundo, composto por povos *Mayas*, *Xinkas* e *Garífunas*. Apesar da diversidade cultural, trata-se de um país extremamente racista, característica cujos efeitos podem ser reconhecidos tanto na vida diária quanto nas políticas públicas que marcam operações de poder e extermínio que servem a setores privilegiados.

É no epicentro dessas disputas que Marta Coy atua como defensora de direitos humanos, tendo como foco o cuidado de mulheres, sendo tradutora e difusora da língua *Maya Q'eqchi'*. Segundo ela, “el sueño de las mujeres indígenas es mantener la cultura y hablar la lengua a partir de la educación bilingüe en las escuelas. No sustituir el tejido a mano por máquinas” (cf. Coy, 2025, n.p.).

Encontros como os realizados com Milton Nache, Towê Fulni-ô e Marta Coy oportunizaram o debate com relação a como os sonhos se apresentam para diferentes povos indígenas da América Latina, buscando compartilhar como determinadas dinâmicas sociais estabelecidas em seus contextos evidenciam distintos modos de os sonhos afetarem as vidas dessas populações indígenas.

Considerações finais

O presente artigo é o primeiro texto articulado a partir das experiências do Grupo de Estudos, elaborado após a realização de estudos teóricos, pesquisas de campo e encontros práticos dedicados às experiências específicas dos sonhos para diferentes povos indígenas da América Latina. Os apontamentos são ainda iniciais, mas apresentam relevância e urgência de serem partilhados.



Nesse sentido, nos interessa reconhecer os sonhos em uma perspectiva ampliada, como um sistema diverso de conhecimento, que auxilia na construção de diálogos com culturas de diferentes países, e estrutura espaços coletivos de resistência, pois, assim como inspira a pesquisadora e artista colombiana Bárbara Santos, “hay una falta de visión de nuestra cultura capitalista sobre las interrelaciones que existen entre aquello que hay en el cielo y en el subsuelo, entre el sueño y la vigilia, entre lo visible e invisible” (Santos, 2019, p.93).

Para que essas inter-relações pudessem ganhar mais espaço nas reflexões e nos debates do grupo de estudos, ao longo dos encontros, através das contribuições de Milton, Towê e Marta foram se evidenciando pequenos agrupamentos que revelam especificidades de determinados sonhos. O que nos levou à seguinte tripartição: “Sonhos Reais”, “Sonhos oníricos” e “Sonhos comunitários”.

Sonhos Reais” agrupa os sonhos que apresentam imagens do cotidiano e que são ferramentas influenciadoras da vida diária, acompanhando, como forma de intuição, a pessoa em seu dia-a-dia. “Sonhos Oníricos” compreende os sonhos que trazem ensinamentos conectados à criatividade, caracterizados por imagens que vão compor os murais, as peças teatrais e os roteiros de cinema de Milton Nache e as músicas de Towê Fulni-ô. Finalmente, “Sonhos Comunitários”, agrupa sonhos que apresentam dimensões políticas e auxiliam na organização das temporalidades e das decisões de seus territórios, como a importância do calendário Maya para a interpretação e encaminhamento coletivo dos sonhos conduzidos por Marta Coy.

Até o momento, os estudos geraram algumas conclusões importantes, a serem mencionadas aqui, quanto ao poder orientador, criativo e político dos sonhos. Os processos do povo *Nasa* ensinam a reconhecer a diversidade na construção de espaços de autonomia e luta, utilizando o sonhar como uma ferramenta de diálogo. Tais processos estão sempre lembrando e trazendo à memória os ancestrais e os que vieram antes. Contar com um processo coletivo e consensuado entre toda uma população para a construção de um processo educativo tem seus desafios internos e externos, mas o mais importante é reconhecer que é possível gerar estruturas concretas e espaços de diálogo a partir



da espiritualidade e, neste caso, dos sonhos. Fortalecem-se, assim, perspectivas para quais o ato de sonhar é uma prática coletiva que leva em consideração que

hay otras formas de habitar el territorio y abren un camino conjunto con comunidades de científicos, artistas, médicos —indígenas o no, para sentarnos a reconfigurar nuevas formas de relación con el planeta, que es nuestra casa, nuestro cuerpo, el cosmos (Santos, 2019, p.94).

Por fim, vale reconhecer, também, que os territórios do Cauca, gravemente afetados pela guerra e pelo narcotráfico, evidenciam camadas de reflexão relativas à importância da diversidade de estratégias de lutas e resistência. Nesse sentido, as propostas futuras do Grupo de Estudos Sobre os Sonhos Para os Povos Indígenas na América Latina apontam para a necessidade de desdobrar reflexões a respeito dos sonhos como metodologia para a criação de espaços para construção de justiça e paz em contextos como os do Cauca.

Referências

BAQUERO-MONROY. “¿Un nuevo ciclo de guerra en Colombia?”, In: *Ainkaa* - Revista de Estudiantes de Ciencia Política, v. 5, n. 9-10, 2021, p. 132-139.

COMISIÓN NACIONAL DE TRABAJO Y CONCERTACIÓN DE LA EDUCACIÓN PARA LOS PUEBLOS INDÍGENAS. *Perfil del sistema educativo indígena propio* - S.E.I.P. Bogotá: ONIC, 2013.

COMUNIDAD INDÍGENA DE CERRO TIJERAS. *Protocolo para el relacionamiento del y con el Pueblo Nasa del resguardo de Cerro Tijeras*. Suarez: Ministerio del Interior y Justicia, 2017.

CONSEJO REGIONAL INDÍGENA DEL CAUCA. *Documento de operatividad SEIP Pueblo Nasa*. CRIC/PEBI, 2022.

CONSEJO REGIONAL INDÍGENA DEL CAUCA. “*Entonces, ¡hablamos!* - informe sobre las afectaciones del conflicto armado a los pueblos indígenas que conforman el Consejo Regional Indígena del Cauca - CRIC, 1971-2021”. Popayán: Universidad del Cauca, 2022a.

CONSEJO REGIONAL INDÍGENA DEL CAUCA. “*La crianza y siembra de sabidurías y conocimientos (CRISSAC): sentir, pensar y hacer para trascender la investigación convencional*”. Popayán: Programa de Educación Bilingüe Intercultural, Universidad Autónoma Indígena Intercultural, 2021.

COY, Marta Alicia Sacul. *Grupo de Estudos Sobre os Sonhos Para os Povos Indígenas na América Latina*. 2025. Não publicado.



HENMAN, Anthony. *Mama coca*. Editorial Universidad del Cauca, 2019.

KRENAK, Ailton. *Ideias para acabar com o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAME, Manuel Quintín. *Los pensamientos del indio que se educó dentro de las selvas colombianas*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2020.

LEVALLE, Sebastián. *Investigar con la naturaleza, reexistir con el territorio: experiencias del pueblo nasa del sur de Colombia*. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2024.

MOSTACILLA, Daniela Andrea. *Resistiendo al olvido - memorias de una mujer indígena sobre la búsqueda de un desconocido*. Cali: Editorial Independiente, 2025.

NACHE, Milton. *Grupo de Estudos Sobre os Sonhos Para os Povos Indígenas na América Latina*. 2025. Não publicado.

OBANDO VILLOTA, Lorena. *Pensando y educando desde el corazón de la montaña - la historia de un intelectual indígena misak*: Avelino Dagua Hurtado. Popayán: Universidad del Cauca, 2016.

PEÑARANDA, Daniel Ricardo. *Guerra propia, guerra ajena: Conflictos armados y reconstrucción identitaria en los Andes colombianos*. El movimiento Armado Quintín Lame. Bogotá: CNMH-IEPRI, 2015.

SANTOS, Bárbara. *Curación como tecnología, basado en entrevistas a sabedores de la Amazonía*. Bogotá: Instituto Distrital de las Artes - Idartes, 2019.

VERÍSSIMO, Towê. *Grupo de Estudos Sobre os Sonhos Para os Povos Indígenas na América Latina*. 2025. Não publicado.

YULE YTACUE, Marcos Yule; VITONAS PAVI, Carmen. *Pees kupx fxi'zenxi - la metamorfosis de la vida*. Toribio: Cabildo Etnoeducativo proyecto nasa, 2010.

Recebido em: 20/09/2025

Aprovado em: 11/11/2025